



PRÁTICAS PRETAGÓGICAS EXCLUDENTES DA COSMOVISÃO AFRICANA EM TORNO DA HOMOSSEXUALIDADE

PRACTICAL PRETAGÓGICAS WORLDVIEW OF AFRICAN exclusive AROUND HOMOSEXUALITY

DIAS^a, Karollyne Magalhães; MELO^b, Miguel Ângelo Silva de; QUEIROZ^a, Zuleide
Fernandes

Universidade Regional do Cariri - URCA^a
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO^b

Recebido em: 18/03/2016; Aceito: 20/04/2016; Publicado: 29/07/2016

Resumo

A leitura interdisciplinar - de textos, livros, dissertações e teses – com foco em educação intercultural, ações legais afirmativas, questões de gênero, questões étnico-raciais, liberdade religiosa, religiões de matriz africana (candomblé) e novas concepções de ensino aprendizagem foram fundamentais para a aproximação ao conceito de Pretagogia proposto por Petit (2015), que servirá de base epistemológica para demarcação de nossas fronteiras e argumentações. A metodologia utilizada se deu a partir de revisão bibliográfica, de forma exploratória-dedutiva. Segundo a utilização dos resultados podemos dizer que a pesquisa é pura, pois, tem por finalidade aumentar o conhecimento. Segundo a abordagem é qualitativa, por ter como objeto de análise de uma população pequena. A partir da adoção do termo pretagogia percebeu-se se tornar possível trazer alguns esclarecimentos sobre questões não faladas dentro das práticas e representações sociais dentro dos terreiros de candomblé. Para compreensão destas normas de conduta recorreremos a interpretar os saberes advindos da tradição cultural africana ioruba, especificadamente, nigeriana e sua influencia no cotidiano dos terreiros de candomblé brasileiros.

Palavras-chave: Ancestralidades; Relações de poder; Pretagogia; Candomblé.

Abstract

The interdisciplinary reading - texts, books, dissertations and theses - focusing on intercultural education, affirmative legal action, gender, ethnic-racial, religious freedom, religions of African origin (Candomblé) and new teaching and learning concepts were fundamental to approach the concept of Pretagogia proposed by Petit (2015), which will serve as the epistemological basis for demarcation of our borders and arguments. The methodology used was given from literature review, exploratory deductive way. According to the use of the results we can say that research is pure, therefore, it aims to increase knowledge. According to the approach is qualitative, by having such a small population analyzed. Since the adoption of pretagogia term realized it become possible to bring some clarification of unspoken issues within social practices and representations within the Candomblé. To understand these rules of conduct resorted to interpret the knowledge arising from the African Yoruba cultural tradition, specifically, Nigeria and its influence on the daily lives of Brazilian Candomblé terreiros.

Keywords: Ancestries ; Power relations; Pretagogia ; Candomblé

INTRODUÇÃO

As delimitações acerca da presente investigação se deram a partir de três perspectivas, que aqui serão expostas: primeiramente, focando no meu trabalho de conclusão de curso em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri, venho a cerca de dois anos e meio participando, ao mesmo tempo, de diferentes reuniões em grupos de estudo - tanto no LIEV/ FLS (Professor Miguel Ângelo Melo) como no Grupo de Estudos em Educação Brasileira/ URCA (Professora Zuleide Queiroz) - realizando uma pormenorizada revisão de literatura e fichamentos; segundo, como ativista do Movimento Social de Mulheres do Cariri e venho analisando o desenrolar político-social das políticas públicas de promoção aos direitos humanos de proteção tanto a mulher quanto as religiões de matriz africana e afro-brasileira; terceiro, pretende-se a partir do presente ensaio adentrar no tema do TCC e de um futuro projeto de mestrado em Educação Brasileira junto a Universidade Federal do Ceará. A leitura interdisciplinar - de textos, livros, dissertações e teses - com foco em educação intercultural, ações legais afirmativas, questões de gênero, questões étnico-raciais, liberdade religiosa, religiões de matriz africana (candomblé) e novas concepções de ensino aprendizagem foram fundamentais para a demarcação de “algumas fronteiras e linhas de batalha” que legitimam pouco a pouco as argumentações do presente estudo. (SHANIN, 1980, apud. MELO et. al., 2012). Consequentemente, em virtude desta revisão nos deparamos com dois conceitos fundamentais - “Pretagogia” (PETIT, 2015) e “Mestiçagem” (MUNANGA, 2008) -, que poderiam servir de ancoramento para a nossa argumentação epistemológica. De modo que ambos os conceitos são significativos, seja por que promovem discussões e novas interpretações sobre a cosmovisão africana e o hibridismo no Brasil, seja por que nos levam a novas reflexões e reformulações de nossos atuais conceitos. Corroborando com o entendimento de Silva (2003) entendemos que é absolutamente possível aprender com os erros do passado, ajustar o presente visando a edificação de um novo futuro, pois, “estudar o passado pode nos ajudar a observar o quanto diferentes práticas e manifestações culturais e políticas contribuíram para a organização dos negros no presente” (IBIDEM, p. 232).

Infelizmente essa comparação teórica não será possível de ser realizada, devido a necessidade do presente ser sucinto, por isso, vamos nos ater a analisar apenas o conceito de pretagogia, relacionando este a construção social do gênero a partir da análise dos discursos, das práticas e das relações de poder dentro dos terreiros de candomblé. Temos consciência que este é o primeiro passo para construção de um assunto tenso, e ao mesmo tempo contraditório, e que poderá contribuir com a ciência, a partir do momento que recuperamos no campo da epistemologia da produção do saber não hegemônico, não ocidental, mas a sabedoria oral oriunda da cosmovisão africana. Finalmente, ressaltamos que a proposta do presente resumo expandido é muito simples, uma vez que não objetiva esgotar as análises acerca do conceito de “Pretagogia”, tampouco pretende esmiuçar argumentos sobre as relações de gênero e a construção do masculino e do feminino e consequentemente das estruturas de poder nos terreiros de candomblé, apenas busca demonstrar que é possível elencar conjuntamente estas categorias sociológicas e antropológicas, e consequentemente, fazer uma análise pedagógica sobre o assunto.

METODOLOGIA

Antes de se iniciar a fundamentação teórica para o presente trabalho se torna necessário trazer alguns pressupostos que fundamentaram a metodologia do mesmo, uma vez que entendemos que a metodologia se presta para ordenar, formalizar e controlar os elementos dispostos em toda e qualquer investigação, com vistas a aumentar a probabilidade de confiança e veracidade dos tópicos a serem abordados, aproximando assim, a presteza e a segurança entre a realidade e a sua interpretação, tomando por base os epistemas produzidos por diferentes concepções teóricas advindas das teorias do conhecimento.

Neste sentido, expõe Michel (2005) ao desenvolver qualquer atividade e alcançar a verdadeira aprendizagem é preciso trabalhar com métodos, critérios e disciplinas porque nos mesmos reside a importância da metodologia, cuja principal função é fornecer-nos métodos, caminhos e passos, para organizarmos e expressarmos o pensamento, e

possibilitar a elaboração de textos científicos. (IBIDEM, 2005, p. 30).

Para a presente investigação recorremos a duas estratégias de investigação social, a primeira, foi à revisão bibliográfica, de forma exploratório-dedutiva; a segunda foi realizada a partir da observação participante, com uso da análise de discurso a partir da produção de diálogos episódicos adeptos do *candomblé* na Região do Cariri e no Estado do Ceará. Segundo a utilização dos resultados podemos dizer que a pesquisa é pura, pois, tem por finalidade aumentar o conhecimento. Segundo a abordagem é qualitativa, por ter como objeto de análise uma população pequena, procuramos seguir os mesmos passos descritos por Melo (2014), uma vez que a preocupação era a de aprofundar, a partir da investida na realidade de mulheres de terreiro, se as pressuposições teóricas advindas dos conceitos de Petit (2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao nos apropriarmos do conceito de “Pretagogia” apresentado por Petit (2015), percebemos que este advém da influência da teoria crítica promovida de um lado pelos estudos culturais britânicos, e conseqüentemente, pelos estudos pós-coloniais. Isso fica reluzente quando a autora ressalta a importância de se buscar “suporte da tradição e da literatura oral africana para ressaltar os valores da cosmovisão” (IBIDEM, p. 108). Pois, para a autora é fundamental e incisivo a valorização cultural da tradição oral - presente em sociedades de matriz africana - e refutada pelo eurocentrismo epistemológico cultural de matriz ocidental-europeu que relativiza e avalia estes saberes como primitivos e atrasados. Com intuito de fundamentar a essência material do conceito a autora recorre à importância da tradição oral a partir da observação ao caráter sagrado da fala (a fala como força vital) difundida por Hampâté Bá (1982) e a composição literária da oralidade africana que seria - segundo Finnegan (1970) – repleta de riquezas, diversidades e expressividades que não precisariam estar escritas, pois não se perdem em nada, no critério de originalidade e valor literário quando se observam as performances orais na transmissão dos saberes. Assim, ambos os autores, partem em defesa da promoção dos saberes e das experiências advindas das tradições orais

potencializadas pela ancestralidade africana. (BÁ, 1982; FINNEGAN, 1970 apud. PETIT, 2015).

Neste sentido a autora aponta que o termo intenta tornar-se uma abordagem afro-centrada, que é contrária aos pressupostos eurocêntricos, quando se propõe a desconstruir os saberes que refutam o complexo cultural africano, edificando assim, novas intervenções teóricas que se alimentem da essência dos conhecimentos difundidos pela ancestralidade africana, a partir da difusão de princípios pretagógicos, tais como: auto-identificação afrodescendente; apropriação da moralidade difundida por ancestrais africanos; valorização da religiosidade de matriz-africana; respeitabilidade e defesa dos rituais sacros; redescoberta do corpo e dos símbolos originários do corpo afrodescendente; proteção e defesa da transmissão oral da cultura e da tradição afro-brasileira; redescobrir a importância da defesa da territorialidade e espacialidade negra na identificação individual e coletiva. De modo que não restam dúvidas de que as pressuposições teóricas de Petit (2015) acerca da pretagogia servem de fundamento para análise das práticas de sexualidade e de gênero, produzidas dentro dos terreiros de *candomblé*, uma vez que a noção binária de masculino e feminino constituem não apenas a estrutura exclusiva do sexo, mas as relações de poder, inseridas dentro deste binarismo, que excluem outras identidades e outras formas de sexualidades, a partir do momento que negam singularidades. Assim, verificamos que os domínios exclusivos da sexualidade produzidos pela etnia indígena ioruba foi culturalmente repassada aos terreiros de *candomblé* brasileiros, onde as conseqüências coercitivas e reguladoras dessa construção são reproduzidas nas práticas e nos papéis sexuais distribuídos dentro dos terreiros (BUTLER, 2008).

A este respeito presenciamos performances sexuais bem definidas, ou normativamente direcionadas ao binarismo, quando percebemos a defesa do masculino, na figura dos *Ogans* (*Asoguns, Alagbés, Pejigans*), na representatividade dos *Ojés*, sacerdotes do culto de *Egunguns* (Ancestrais mortos) ou na sabedoria dos Babalawós (pais do segredo e maiores intérpretes da ancestralidade iorubá). Neste sentido ressalta Adelami (2013) que a etnia indígena ioruba ainda hoje vive em forma de agrupamentos tribais em forma de pequenos reinos dirigidos por um *Oba* (Rei/ Governante) local, que também é rei-

sacerdote, costumeiramente responsável por questões de cunho político-cultural e jurídico. Os Afín's convivem com o Rei e sua família real, vários funcionários que desempenham diversas funções e que têm diferentes visibilidades sociais, políticas e religiosas. Segundo Wollf (2012) o Baáâfin abre um precedente à questão do tratamento da identidade de gênero e da sexualidade na cultura religiosa tribal ioruba, uma vez que não vai apenas de uma simples modelação do corpo seguindo as regras socialmente impostas pela cultura coercitiva das tribos iorubas, como também, na transformação do status socialmente aferido a estes na política, como auxiliares do rei, no que diz respeito a tomada de decisões.

Wollf (2012) acrescenta que os Baáâfin's têm seus corpos e estado sexual modificados, ao mesmo tempo em que adquiririam poder e um status diferenciado na corte diante do Rei, sem a opção do livre-arbítrio. A discussão gerada se inicia em torno do que aconteceria após a morte do Iwefa? Ou da sua eventual chegada ao Àiyé (terra)? Uma vez que ele teria a sua matéria original na forma masculina; portando, ele teria não apenas um corpo masculino (genitália), como também, um Orí masculino que teria sido preparado por Bábá Ajalá. Como agir diante de tais transformações da sexualidade? Diante dos avanços das contemporâneas discussões acerca da sexualidade e do gênero como esta problemática pode ou deve ser tratada dentro dos terreiros? Como podemos (des-)construir estas concepções de "genitalização" individual do corpo e do prazer, em cima do masculino e do feminino, com os nossos mais velhos dentro dos terreiros brasileiros? Tenderiam mais as matriarcas do Asé ou aos patriarcas do Asé a reproduzirem dentro dos terreiros as normas da anormalidade? (MELO, 2013; BORDIEU, 1995).

A partir de quando a saúde mental e física de nossos adolescentes ou jovens adultos (homossexuais, bissexuais, transexuais e travestis) será finalmente debatida dentro de nossos muros, encarando de frente os rituais sagrados e as interpretações humanas sobre os Odús, destinos individuais, de cada membro que procura um aconchego ou uma harmonia de suas mentes em nossos terreiros? Até quando iremos perpetuar os tabus de não discutir estes temas em nossas casas? Podendo mesmo assim, sentir-se identificado com o seu sexo biológico ou com o sexo social, em virtude de suas práticas e/ou atividades laborais, como

também, de não sentir declinação sexual ou identidade sexual alguma em virtude da ausência de um sexo, o que a nosso ver, não significa ausência de uma sexualidade. Wollf ao explicar a formação da estrutura religiosa ioruba e suas leis, ressalta que "as leis que descrevem a vontade de um Deus foram criadas pelo homem, cada palavra narra conceitos segundo experiências, vivências e propósitos humanos, já que está sujeita a visão de seus intérpretes e cultura a que ele pertence" (WOLLF, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos propomos aqui é introduzir - mesmo que de forma singular e superficial - a discussão em torno da existência da heterossexualidade compulsória dentro da territorialidade religiosa dos povos de terreiro adeptos das religiões de matriz africana. Dentro desta linha de raciocínio recorreremos ao conceito de pretagogia difundido por Petit que recupera a compreensão de cosmovisão africana, quando recomenda que as práticas pretagógicas estão fundamentadas na tradição oral e cultural da ancestralidade africana. A autora explicita pressupostos de que "a pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos da matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo." (PETIT, 2015, p. 120). Em adição a isto questionamos como a sexualidade e a diversidade sexual é tratada dentro do terreiro, e como os microssistemas da tradição oral lidam com a questão do gênero e com a diversidade sexual - o ser masculino e/ou o ser feminino - é vista pela religião de matriz africana do candomblé. Em estudos anteriores se foi demonstrado a dificuldade que sacerdotes e sacerdotisas do candomblé têm em lidar com a travestividade e transexualidade de seus fieis, uma vez que os paradigmas da normalidade cristã, se repetem na moralidade ancestral ioruba no Estado do Ceará (MELO, 2014).

No caso em análise, a sexualidade, o sexo e a mutilação sexual somos levados a emergir em uma nova discussão, como reage o Òrìsá Orí ao moldar ainda no Òrun a cabeça e o destino do Iba-àfin? E como Eledumaré ou Olodumaré (Ser supremo), criador de seres perfeitos permitiria tal ofensa, ou seja, a criação de um ser imperfeito, possíveis de desestruturar a existência de seus

próprios filhos ao chegarem no Àiyé? Da mesma forma perguntamos como um Iba-àfin ou um Adé que adquiriu um Orí, do Òrìsá mais importante, poderia ao chegar no Àiyé modificar o que a ele foi predestinado pelos Òrìsás ainda no Òrun? Como, seres humanos racionais poderíamos entender a persistência em defender doxias que consideram a homossexualidade (consequentemente, a bissexualidade, transexualidade e/ou travestividade) como uma perversão e imoralidade adquirida apenas no Àiyé e não no Òrun? De modo que tanto os Adés como os Baààfins, em virtude da influência do Islão e da imposição da conversão religiosa ioruba ao movimento religioso da etnia predominante Hausa, sejam ou fossem eles homossexuais, bissexuais e transexuais foram ou ainda são tratados na atualidade como seres imperfeitos, passíveis de pena de morte (enforcamento ou apedrejamento público) diante da não aceitação sexual às normas e expectativas religiosas impostas pelo binarismo compulsório do homem/ macho e da mulher/ fêmea. (MURRAY, 1994). Assim, por simplesmente fugirem ao *Ìkosèdáyé* (destino traçado ao homem), este homem ou mulher por sua própria escolha - escolha esta errada -, levará este homem a perder tudo, a distanciar-se de Deus, levando a perca de tudo, exatamente por contradizer as próprias leis criadas pelo Deus Olódùmarè, e interpretadas e justificadas pelos próprios tratados humanos (IDOMU, 2011).

Fato é que as verdades religiosas e suas normas de conduta, seja de matriz religiosa judaico-cristã, seja de matriz religiosa ancestral africana, excluem em seus processos civilizatórios a identidade sexual não heterossexual, quando tendem a reproduzir - nas relações de poder e nas relações de atribuição de status - os valores do binarismo do sexo (masculino e feminino; do macho e da fêmea), deixando de lado, todo um contexto de identidades, reflexo de várias formas de exposição de sexualidades que não levam a reprodução da espécie, mais que levam ao prazer e a dignidade da pessoa humana. Uma vez que a dicotomia sexual nos terreiros, exclui compulsoriamente, a relação de afeto, elemento primordial para construção de famílias na contemporaneidade. (BUTLER, 2008; BORDIEU, 1995; 1995; NOLASCO, 1993). Sabemos que a diversidade sexual ou de orientação sexual é considerada, ainda por parte de alguns antigos, um tema proibido por antigos sacerdotes e sacerdotisas

da religião do Candomblé afro-brasileiro (independente da nação), como também, na Religião Africana Tradicional Iorubá, partindo desta análise inicial em torno da homossexualidade, nos propomos a um aprofundamento sobre a construção da sexualidade dentro dos terreiros de candomblé.

REFERENCIAS

ADELAMI, Feyisetan. *Satan and the two Beasts in Yoruba Tradition*: Osiefa Olosi Onaefa/Otunefa., 2013.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Educação & Realidade, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NOLASCO, S. (Org.). **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

COSTA, Maria Paula; PINHEIRO, Susana Marta. **África Negra. Contribuição para o Conhecimento Histórico e Geográfico**. 2. ed. Lisboa: Antunes & Amilcar Editora, 1987.

IDOMU, Bolaji. Olódùmarè e o destino do Homem. In: Olódùmarè, **God in Yoruba belief**, A&B Books Publishers, Revista Olorun edição nº 5 Ago 2011.

JOHNSON, Samuel. The history of the yorubas, From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate. Lagos, 1967 in: WOLLF, Erick. **A homossexualidade abordada na religião yorubá**. Revista Olorun, n. 8. Abril 2012. Disponível em: <http://www.olorun.com.br>.

JOSÉ, Wagner Duarte (Org.). **Ações Afirmativas na UESC. O Programa Bantu-IÊ**. Brasília; Ilhéus: SECAD; Editus, 2008.

MELO, Miguel Ângelo Silva de; COSTA, Manuella Aleixo, SILVA, Isaac de Oliveira Magalhães e. **Construção da Identidade Quilombola nas Comunidades Rurais Negras: Uma Aproximação da Resistência Negra**

Campešina. In: III Colóquio Sociedade, Políticas Públicas, Cultura e Desenvolvimento - CEURCA, 2013, Crato Ceará.

MELO, Miguel Ângelo Silva de; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; BEZERRA, S. R. C., SILVA, Isaac de Oliveira Magalhães e. **Travestis e Mulheres Transexuais no Candomblé Cearense sob o prisma dos Direitos Humanos** In: VIII Seminário Internacional de Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba, 2014, João Pessoa. Ditaduras Militares, Estado de Exceção e Resistência Democrática na América Latina, 2014.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia em pesquisa científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MURRAY, Stephen O. *Homosexuality in "Traditional" Sub-Saharan Africa and Contemporary South Africa*. Disponível em: http://semgai.free.fr/doc_et_pdf/africa_A4.pdf.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. 2.ed. Brasília; Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2002.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral**. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº. 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SILVA, Joselina da. **A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento Negro dos anos 40 e 50**. In: Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, nº. 2, 2003, p. 215-235.

WOLFF, Erick. **A homossexualidade abordada na religião Yorubá**. Revista Olorun, n. 8. Abril 2012.